

---

**A SANTIFICAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA LITERATURA  
MIEVEAL: UM ESTUDO DE CASO DE *THE FISICIAN'S TALE* DE  
GEOFFREY CHAUCER**

THE SANCTIFICATION OF FEMALE FIGURE IN MEDIEVAL LITERATURE: A  
CASE STUDY OF THE FISICIAN'S TALE OF GEOFFREY CHAUCER

LA SANTIFICACIÓN DE LA FIGURA FEMENINA EN LA LITERATURA  
MIEVEAL: UN ESTUDIO DE CASO DE *THE FISICIAN'S TALE* DE GEOFFREY  
CHAUCER

---

*Márcia Maria Medeiros\**  
*Tânia Regina Zimmermann\*\**

**Resumo:** Um dos mais populares tipos de literatura medieval é representado pela hagiografia, textos com caráter didático-pedagógicos utilizados pela Igreja, a fim de ensinar o cristianismo à população de forma simples, uma vez que a maioria das pessoas era analfabeta. Uma das principais características destas obras é colocada na santificação da figura feminina, através de recursos que gradualmente vão destruindo os elementos constitutivos da ideia de feminilidade (corte de cabelo, desfigurar o corpo), a fim de alcançar esta sacralização. O texto proposto para estudo neste artigo se encaixa neste contexto, e o propósito do trabalho a ser realizado será o de compreender como representações do feminino são idealizadas neste poema, a fim de compreender as estratégias concebidas para este processo de santificação.

**Palavras-chave:** Hagiografia; literatura medieval; mulher; Geoffrey Chaucer.

**Abstract:** One of the most popular types of medieval literature is represented by hagiography, texts with didactic-pedagogic character used by the Church in order to teach the Christianity to the population in a simple way, since that most people was illiterate. Within this framework, one of the key features of these works is put in the sanctification of the feminine figure, through resources for which gradually go obliterating the constituent elements of the idea of femininity (hair cutting, defacing the body) in order to achieve this sacralization. The text proposed for study in this article fits in this context, and the purpose of the work to be done will be to understand how representations of feminin are realized in this poem in order to understand the strategies designed for this process of sanctification.

**Keywords:** Hagiography; medieval literature; woman; Geoffrey Chaucer.

### **Breves apontamentos sobre a literatura hagiográfica**

Antes de iniciar a análise do poema de Geoffrey Chaucer escolhido para estudo neste artigo, cabe salientar algumas questões pertinentes ao

tipo de literatura na qual o mesmo está enquadrado a saber, as hagiografias (também chamadas hagiologias), as quais surgiram entre os séculos IV-VIII e contam com detalhes as vidas dos santos e o momento de sua morte. Estes textos estão repletos de histórias denotando uma nova condição de existência e a valorização de alguns quesitos para o bem viver nesse mundo enquanto se espera o próximo. Tome-se como exemplo este trecho da *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze, onde ocorre uma exaltação da virgindade:

Como Ápia, sua filha, desejasse se casar, Hilário dissuadiu-a e fortaleceu-a no desígnio de salvar a virgindade. No momento em que a viu bem decidida, temendo que mudasse de ideia rogou encarecidamente ao senhor que não lhe permitisse viver mais, e poucos dias depois ela migrava para o Senhor. Ele a sepultou com suas próprias mãos, e ao ver isso a mãe da beata Ápia pediu ao bispo que obtivesse para ela o que tinha obtido para a filha. Ele assim o fez, e com suas orações enviou-a para o reino do Céu. (VARAZZE, 2003, p. 163).

Segundo a classificação de Segismundo Spina, a hagiologia pode ser considerada um tipo de literatura empenhada, no sentido de que ela possui uma intenção pedagógica. O mesmo autor ainda considera característica desse tipo de literatura, seu caráter apologético, missionário e edificante (SPINA, 1997).

Esses textos não eram constituídos a partir de uma fonte sem referência. Em tese eles se apoiavam em textos teologicamente corretos para os padrões da época, ou seja, isentos de qualquer contágio de cunho herético<sup>2</sup>. Ademais, na leitura do texto, percebe-se a intenção dos autores de que suas histórias sejam compreensíveis e agradáveis aos leigos que assistiriam as pregações.

Para tornar mais eficaz o efeito dessa pregação, os monges passaram a recorrer ao *exemplum*, relato considerado em geral verídico, cujo destino era a inserção em um discurso, geralmente em um sermão, com o intuito de convencer um auditório por meio de uma pregação salutar e profícua. Esse tipo de texto literário não é exatamente uma novidade, uma vez que sua origem remonta a Antiguidade. No entanto, os meios monásticos os fizeram ganhar novos contornos e neles o *exemplum* se desenvolveu e se difundiu grandemente nos centros urbanos.

De onde se recolhia o material que constituía o *exemplum*? Em geral, a origem desses textos advém das fontes eruditas<sup>3</sup>, de textos bíblicos os quais a Igreja considerava sem autoridade apostólica (apócrifos), mas que continuavam gozando de prestígio em meio ao povo, e mesmo, na experiência de seu autor. Todo esse processo faz parte de movimentos culturais do período histórico em questão, que a história convencionou chamar de Reação Folclórica e Renascimento do século XII. Por conta

deles, ocorreu uma ampliação no número de *exemplum* o que enriqueceu a hagiografia que os utilizava: novos relatos, novas variantes, novas formas de utilizá-los.

O texto escrito por Geoffrey Chaucer e que está sendo analisado neste artigo possui todas as características inerentes a este tipo de literatura podendo, portanto, ser considerado um exemplo deste gênero literário que em sua origem tem como objetivo edificar as almas e trazê-las para mais próximo do pensamento cristão. Somente quanto ao objetivo é que o texto de Chaucer cria um elemento diferencial: ele foi criado não com o intuito da pregação, mas para a diversão de ouvintes e/ou leitores.

### **Chaucer e *The Fisician's Tale***

Geoffrey Chaucer iniciou a escritura de *The Canterbury Tales* no ano de 1386 na Inglaterra. O Conto do Médico é um dos textos desta obra. Naquele contexto, o país mergulhava em disputas imperialistas, nas quais seus reis cobizavam, principalmente o solo francês. Além disso, as disputas com a Igreja de Roma e as tentativas de limitação do poder da coroa pelos nobres tornam-se latentes no século XIV. O reinado de Eduardo III (1327-1377) foi marcado pela simpatia dos nobres, sendo-lhes concedidos vários privilégios com estímulos ao gosto pela pompa e pelos antigos ideais cavaleirescos.

Ainda neste reinado, insuflou-se o nacionalismo dando início à Guerra dos Cem Anos. Com o apoio da burguesia cresceram os intercâmbios, as exportações (a lã constituía a principal riqueza do país) e desenvolveram-se as cidades (Londres chegou a quase 50.000 habitantes). Porém, agregados a esse desenvolvimento econômico, cresceram os problemas sociais como a miséria. Nas precárias estradas era comum a presença de salteadores, uma das razões pelas quais os peregrinos de Chaucer viajavam em grupo.

Nas cidades inglesas, cada vez mais populosas, propagavam-se epidemias. Por volta de 1348, houve a Peste Negra, que depois de assolar o continente europeu aniquilou um terço da população inglesa, provocando a falta de trabalhadores nos campos com queda da produção agrícola. Essa crise econômica acirrou o descontentamento social e a rebeldia devido às injustiças sociais. Ainda neste contexto, a igreja de Roma perdia prestígio devido à corrupção e a conduta de vários líderes religiosos<sup>4</sup>.

Nesse contexto histórico, a literatura e a arte do período têm influência francesa. Isso é perceptível, como por exemplo, na poesia lírica, com obras traduzidas por Chaucer. Assim sendo, a literatura em verso da Inglaterra até a segunda metade do século XIV não teve um nome de vulto capaz de dilatar suas fronteiras. Esse processo ocorreu a partir de poetas como Geoffrey Chaucer, e sua obra *The Canterbury Tales*. A poesia feita por este autor era destinada ao espaço da corte e dos membros de classe média

que estavam próximos a ela, grupos sociais que estavam familiarizados com literaturas em línguas latina e francesa.

Em seus textos, Chaucer faz diversas alusões à realidade de seu tempo como a corrupção de valores pelo clero e a pobreza da língua francesa falada na corte. A este respeito, Fernando Galván na obra *Literatura Inglesa Medieval* observa que:

Pero si aparecen inevitablemente alusiones indirectas, como la pobreza del francés hablado por la priora, o las severas críticas contra la corrupción de las bulas de indulgencia, o la burla contra los romances y los valores de la caballería [...], entre otras, todas ellas em *The Canterbury Tales* (GÁLVAN, 1999, p. 152).

Como um dos maiores autores de língua inglesa da História da Literatura, Chaucer em sua obra, buscou elementos da oralidade e do inglês das ruas de Londres para tornar mais vivo o painel de ricos personagens construídas por ele<sup>5</sup>.

*The Canterbury Tales* representa também um espaço no qual são apresentados aos leitores e leitoras, os diferentes tipos de literatura que compunham a cultura literária do medievo. A utilização do termo tipo invés de gênero é feita pelo fato de que a ideia de gênero literário é de criação posterior ao período tratado por este artigo. Ademais é muito complexa a organização da literatura do medievo dentro de um estilo estético, pois de acordo com Spina, a mesma possui características peculiares (SPINA, 1997).

Entre os textos que ilustram as páginas desta obra, está *The Physician's Tale*, conto sobre o qual se debruçará esta análise. A história relata a velha ideia de que a única mulher digna é a virgem. Neste conto, parece que à mulher só cabe optar por esses dois polos extremos, ou se torna prostituta ou santa. Os prazeres do sexo são prerrogativas exclusivas dos homens.

No conto, o nobre cavaleiro Virgínio teve apenas uma filha, a qual era admirada pela beleza, recato e virtude. Esta beleza atraiu a cobiça de um juiz, o qual a desejava sexualmente. Este não podia comprá-la nem possuí-la a força, já que a jovem era oriunda de família nobre. Então elaborou um plano. Chamou um bandido da cidade para entrar com uma petição contra Virgínio alegando que no passado ele raptou uma criança em sua casa à noite e, que por direito, esta agora seria a sua escrava. O juiz ordenou então a devolução da moça. O pai decide pela morte da filha, pois entre a honra e a vergonha preferia a sua morte. A jovem concordou com seu pai. No dia da execução da pena Virgínio levou a cabeça da moça ao juiz, o qual ordenou o assassinato do pai, mas pessoas que conheciam a sua fama se rebelaram e o prenderam em uma cela.

No texto, o pai considerava a virgindade como perfeccionismo, pois argumentava que a perfeição era uma virtude e um quesito para moças proveniente de Jesus Cristo conforme o excerto que segue:

And she flowered in her virginity/ With all humility and  
abstinence/ In temperate and patient abstinence,/ With  
modesty of bearing and dress/ And showed in speech a  
modesty no less./ [...] Teach them then Jesus's sake/ And  
never slacken; virtue is at stake./ [...] In all that should concern  
a virtuous maid,/ She was so prudent, bountiful and staid;/  
And common fame was eager to confess/ Her matchless  
beauty and her kindliness (CHAUCER, 2003, p. 233-235)<sup>6</sup>.

Além do foco na virgindade, o autor apresenta suas virtudes, ou seja, a beleza, humildade, graça e inocência, características as quais se esperava que uma mulher nobre possuísse:

Though I dare say was wise as Pallas, she/ Was simple in her  
words, and womanly;/ She used no fancy terms in affectation/  
Of learning, but according to her station/ She spoke, in all  
and everything she said/ She showed that she was good and  
gently bred./ Shamefast she was, in maiden shamefastness,/  
And constant in her heart. She was express/ In conquering  
sloth to fill the busy hour; [...] (CHAUCER, 2003, p. 233)<sup>7</sup>.

A jovem representa o ideal medieval de completa submissão de uma mulher a um homem, neste caso o pai. A virgindade é um fator que serve como “medidor” da pureza feminina. Porém, essa questão traz intrínseca a si um problema: no universo do feudalismo a virgindade torna-se um elemento que garante às mulheres uma liberdade única, pois elas estariam libertas do poder do homem sobre o seu corpo. Essa questão se faz presente no ocorrido com o juiz no momento em que viu a jovem:

At once the devil entered into him,/ Whose machinations  
then began to stir/ And teach him how to have his will of her./  
He knew quite well that neither force nor fee/ Could suit his  
purpose in the least degree,/ For she had powerful friends  
and what was more/ Her sovereignty of goodness closed the  
door/ On his desires, he could not hope to win (CHAUCER,  
2003, p. 235)<sup>8</sup>.

Neste período, a supremacia da virgindade continuará absoluta e será reforçada pelos dogmas referentes à Maria. Quanto às pecadoras, só lhes restava à penitência, mesmo que legitimamente casadas. De acordo com Dalarun: “Para as descendentes da porteira da morte, que não souberam aceitar o impossível desafio mariano – permanecer porta fechada mantendo-se ao mesmo tempo porta da vida -, não há salvação senão pela porta pequena” (DALARUN, 1990, p. 47). A citação abaixo corrobora com esta ideia:

And all you ladies that in the middle life/ Are put in charge of  
younger gentlefolk,/ Pray do not think I speak as to provoke/

Your anger, think that your appointment springs/  
From either one or other of two things,/ Either that you were chaste and  
did not fail,/ To guard your honor... (CHAUCER, 2003, p. 234)<sup>9</sup>.

Desta forma, e através da representação construída em torno da mãe de Cristo a qual fortalece a ideia da virgindade, o corpo feminino é mantido sob custódia devido a uma rede intrincada de concepções e discursos de grande prestígio cultural no período, porque ordenada pelos membros do clero. No conto destaca-se a eterna vigilância do clero sobre o corpo feminino:

Beware lest the example you present/ Or your neglect in  
giving chastisement/ Cause them to perish, otherwise I fear./  
If they should do so, you will pay it dear./ Shepherds too soft  
who let their duty sleep/ Encourage wolves to tear the lambs  
and sheep./ One parable's enough, you understand,/ Let me  
return to what I had in hand (CHAUCER, 2003, p. 234)<sup>10</sup>.

Estes conhecedores do texto bíblico procuram e nele encontram muitos exemplos admiráveis de mulheres que se afastaram das tentações mundanas e que impuseram a seus corpos uma disciplina rígida: o processo pode ser constatado em Judite, que se esconde em um recôndito espaço de seu lar para praticar o jejum; na velha profetisa Ana que nunca abandona o templo onde reza e jejua noite e dia e, sobretudo, na Virgem Maria, a qual fica em silêncio respeitoso e em mais respeitosa espera de que se cumpra nela a vontade de Deus.

Muitas das representações sobre as mulheres na Idade Média no que se refere às escrituras literárias se davam por meio dos escritos de monges, que viviam num espaço totalmente reservado, ou seja, nos mosteiros e desta forma idealizavam a mulher. Por isso, a mulher quanto à questão da sexualidade ou era representada sob os moldes de Eva, a pecadora, ou como a virgem Maria, o ideal de mulher, por se tratar de uma mulher que concebeu um filho mesmo sendo virgem, e por isso era considerada uma santa.

Por muito tempo, a história das mulheres foi escrita por este grupo que detinha grande influência na Idade Média, visto que neste período a sociedade vivia de acordo com o padrão moral que a Igreja Católica estipulava, e este foi o período de auge desta instituição, portanto os seus preceitos deixaram profundas marcas na maneira de ver o mundo e na maneira de ser no mundo da coletividade ocidental.

A concepção das mulheres principalmente sobre sua sexualidade, conceituada pela moral cristã como sagrada ou profana será encarada como fator determinante dos modelos de representações feminina na Idade Média; devido à grande imposição da Igreja, a sociedade manteve – se manipulada

e restrita aos conceitos religiosos, presentes nas figuras distintivas de Eva e Virgem Maria. Os maiores responsáveis por esses discursos sobre as mulheres faziam parte dos clérigos, os quais utilizando – se do poder sobre o feminino, reclusos ao espaço privado, que se resumia aos monastérios, idealizavam – nas por meio da dualidade de pecadoras ou santas (MEDEIROS, 2013, p. 73).

Apesar do forte controle que a Igreja Católica exercia na sociedade medieval, e principalmente sobre a vida das mulheres ditando a forma como elas deveriam agir, se comportar e viver, e da dificuldade que lhes era imposta também no que se refere à vida religiosa, ainda assim algumas mulheres conseguiram se destacar dentro da Igreja Católica sendo até canonizadas como santas, conforme afirma Souza:

Muitas conquistaram o difícil status de santas canonizadas pela Igreja Católica. Não obstante estes casos, a regra dominante na Idade Média, era a mulher uma criatura submissa e dependente do pai e do marido, e juridicamente tutelada. (SOUZA, 2003/2004, p. 159).

As virgens, segundo a Igreja Católica, deveriam ser mantidas longe de todos, para que não se contaminassem com o mundo exterior, porque de acordo com a Igreja Católica por se tratar de mulheres puras deveriam estar restringidas a servir somente a Deus.

A partir do que traçamos como objetivo deste estudo, isto é, mostrar como a sexualidade e, sobretudo, o corpo feminino foi representado na Idade Média, podemos compreender, por meio da Hagiografia, que a visão que se cria da mulher é determinada pelo poder patriarcal e cristão. Assim, ela é vista como um ser dominado pelo homem, submissa e dedicada ao seu marido e sua família, ao contrário, pois, da mulher virgem, em relação à qual a preocupação da Igreja é deixar longe da sociedade para servir aos caminhos da religião. Contudo, é necessário que as mulheres persistam nas suas lutas e manifestos, em favor da sua emancipação e independência, que são ainda hoje, censuradas por resquícios da influência cristã (MEDEIROS, 2013, p. 82).

Na Idade Média, a existência das mulheres estava vinculada à proteção e vigilância do pai e depois do marido. Assim, o casamento era algo muito importante para as mulheres e também para as suas famílias. Segundo Duby (1990) havia pessoas especializadas em intermediar essas relações de casamento. Era preciso que as moças atraíssem os rapazes, de modo que ficassem como uma espécie de quadro vivo.

O conto de Chaucer se encerra com uma espécie de epílogo onde o estalajadeiro fala ao médico e ao vendedor de indulgências, acrescentando

uma moral á história, a qual de certa forma contraria o que o texto destaca sobre o comportamento masculino e feminino naquela sociedade. No excerto fica explícito que a voz narradora sente mais pena do que admiração pela heroína e, que ao criticar as atitudes do juiz, ele demonstra reprovação sobre os costumes medievais.

'God's nail and blood', he said, 'alas, poor maid! What a low blackguard! What a treacherous judge! Death to all lawyers that will bribe and fudge/ To trap you, be they judge or advocate! Well, the poor girl was killed at any rate./ Alas, her beauty cost her all too dear! Just I always say, it's pretty clear/ The handsome gifts that fate and nature lend us/ Are very often chose that least befriend us (CHAUCER, 2003, p. 240)<sup>11</sup>.

E por fim encerra os olhares sobre o fim trágico da virgem avaliando a beleza e virtudes femininas daquele período:

Her beauty was her death as one might say;/ How pitifully she was maid away! Those gifts that I was mentioning just now/ Do us more harm than good, one must allow./ Well, my dear sir, if I may speak sincere,/ Your tale was truly pitiful to hear./ Nevertheless, pass on (CHAUCER, 2003, p. 240)<sup>12</sup>.

Neste conto Chaucer destaca num drama sofisticado, a retratação de aspectos socioculturais tais como corrupção, insatisfação pelos valores religiosos da época e principalmente a contradição de valores. Este processo demonstra o quanto o autor estava coadunado com o seu tempo, e como usava do texto literário para, em alguns momentos, criticar o *status quo* dentro do qual vivia.

### **Considerações finais**

O estudo promovido por este artigo demonstra que a sociedade medieval considerava a figura feminina dentro de uma ótica cuja lente é extremamente misógina. Essa figura não tinha expressão enquanto ser de fato e de direito, na verdade ela constituía-se em figuras modelares arquitetadas pela igreja e que só abriam espaço para três concepções.

A primeira delas vê a mulher como a introdutora do pecado no mundo, já que foi pela ação de Eva no Paraíso, que o sofrimento, a dor e a morte foram infligidas por Deus, como castigo para a humanidade. Diante deste contexto, a figura feminina aparece como um bode expiatório o qual deve pagar eternamente pelo erro cometido. A ideia de eternidade aqui se refere ao fato de que o medievo possui uma noção de tempo presentificada: em sendo Eva uma mulher e cometendo tão grave pecado, todas as mulheres carregam o estigma da impureza por serem filhas de Eva.

A segunda concepção abre um espaço de redenção para a mulher e pode ser entendida através da representação de Maria Madalena. A figura dessa pecadora que se arrependeu de seus erros e que acreditava piamente no Messias constituía-se em um exemplo a ser seguido. Maria Madalena deixava claro que a mulher, mesmo carregando o estigma de Eva ainda podia incorrer em uma vida pia, casta, desde que se arrependesse de seus pecados e deixasse a lógica mundana, buscando um caminho de santidade.

A terceira concepção é a que representa a Virgem Maria. O exemplo maior para todas as mulheres, aquela que foi escolhida por Deus para conceber o Seu sagrado filho, e que depois da concepção se manteve pura. A mulher que representa a pureza, a castidade e a obediência ao seu senhor. A maior de todas as santas e um exemplo impossível de ser seguido na prática cotidiana.

Isso porque, no ambiente do medievo, a mulher, e principalmente a mulher nobre é uma moeda de troca que facilita alianças através de políticas de casamento. E essa figura não tem poder de escolha. Ela se mantém (ou deveria), ícone de obediência ao seu senhor.

A jovem que atrai sobre si os desejos carnis do vilão do conto de Chaucer é um exemplo desta mulher: todas as sobejas qualidades que ela possui apontam para a sua santidade, para sua castidade, para a obediência. Ela se coloca a disposição do fio da espada de seu pai para manter a sua virgindade intacta, a sua honra imaculada. E o faz de forma tranquila, quando o pai lhe diz que não existe uma saída.

Assim, pela sua ação o pai torna a filha uma mártir da causa cristã, que preconiza uma lição de moral profunda ao defender de forma tão veemente a virgindade. A jovem anônima, já que seu nome não é declinado durante toda a história, pois mais importante que lhe conferir uma identidade é lhe dar um conjunto de qualidades universais a serem seguidas por todas as mulheres, é uma representação do cordeiro que é imolado em sacrifício e que pelo seu sangue, limpa de mácula novamente o conjunto da sociedade.

## **Notas**

\* Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: marciamaria@uems.br

\*\* Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: zimmermantania@hotmail.com

<sup>1</sup> O Conto do Médico.

<sup>2</sup> Heresia é uma palavra de origem grega cujo significado etimológico seria escolha. No entanto, no universo da religiosidade medieval, hereges eram considerados todos aqueles e aquelas que se desviavam dos dogmas oficiais do pensamento eclesialístico. Sobre o

assunto ver: Falbel (1976).

<sup>3</sup> Sobre o assunto ver: Varazze (2003).

<sup>4</sup> Sobre o assunto ver: Franco Junior (1992).

<sup>5</sup> Sobre o assunto ver: Medeiros (2012).

<sup>6</sup> E assim ela floresceu em sua virgindade/ Com toda a humildade e abstinência/ Em temperança e paciente inocência,/Com modéstia no porte e no trajar/ Mostrava no discurso não menos modéstia. [...] Ensinai-as em seguida, no amor de Jesus/ e nunca facilitai, pois a virtude está em jogo./ [...] Em tudo que dizia respeito a uma virgem virtuosa,/ Ela era tão prudente, caridosa e séria;/ E a fama comum estava ansiosa para confessar/ Sua beleza incomparável e sua gentileza. Todas as traduções deste texto são de responsabilidade das autoras.

<sup>7</sup> Embora eu ouse dizer que ela era sábia como Pallas,/ Ela era simples em suas palavras, e feminina;/ Ela não usava termos afetados/ De quem possui cultura, mas de acordo com sua posição;/ Em tudo o que dizia e sempre/ Mostrava que ela era boa e fora criada com cuidado./ Ela era tímida, como o são as donzelas,/ E constante em seu coração. Desejosa de vencer/ A preguiça, mantinha-se ocupada; [...]/.

<sup>8</sup> De uma vez o diabo entrou nele,/ E maquinações começou a agitar/ E ensinar como o juiz poderia fazer para possuir a moça./ Ele sabia muito bem que nem força nem taxa/ Poderiam conceder a ele seus desejos sobre ela,/ Pois ela tinha amigos poderosos/ E a sua fama de virtudes fechava as portas/ Para os desejos dele,/ Ele poderia não ter esperanças de vencer

<sup>9</sup> E todas vós, senhoras de meia idade,/ Que estais encarregadas de fidalgas mais jovens,/ Não pensais que falo para provocar sua fúria;/ Pensai que a vossa menção resulta simplesmente de duas coisas,/Ou fostes castas e não falharam/ Em guardar vossa honra, [...].

<sup>10</sup> Tende cuidado nos exemplos que dais/ Ou sua negligência em castigar/ Colocará vossos filhos em perigo; caso contrário eu temo,/ Que um dia iríeis pagar caro./ Os pastores que dormem e deixam de lado seus deveres/ Encorajam os lobos a despedaçar suas ovelhas./ Uma parábola é suficiente, haveis compreendido;/ Deixai-me retornar a história que contava.

<sup>11</sup> “Pelos unhas e sangue de Deus”, disse ele, “oh, pobre donzela! Que bandido baixo! Que juiz traiçoeiro!/ Morte aos homens da lei que subornam e mentem/ Para nos apanhar, sejam juízes ou advogados!/ Bem, a pobre moça estava morta, de qualquer forma./ Ai, sua beleza custou-lhe muito caro!/ É como eu sempre digo, é mais que evidente/ Que os favores que o destino e a natureza nos dão/ São os que nos custam mais caro.

<sup>12</sup> Sua beleza foi sua morte, pode-se dizer/ Que lamento que tenha de ter sido assim!/ Aquelas prendas que eu mencionei a pouco/ Fazem mais mal que bem, temos de concordar./ Bem, meu querido senhor, se posso lhe falar sinceramente,/ Seu conto foi muito triste de se ouvir./ Não obstante, acabou.

## Referências

CHAUCER, Geoffrey. **The Canterbury Tales**. London: Penguin Books, 2003.

- DALARUN, Jacques. Olhares de Clérigo. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres**. v. 2, Lisboa: Afrontamento, 1990, p. 29-54.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres**. v. 2, Lisboa: Afrontamento, 1990.
- FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A idade média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- GÁLVAN, Fernando. **Literatura Inglesa Medieval**. Madrid: Alianza, 1999.
- MEDEIROS, Márcia Maria. A História da literatura inglesa e a compreensão dos meandros da sociedade inglesa da baixa Idade Média. **Revista Cordis. Cronistas, Escritores e Literatos**, São Paulo, n. 9, p. 213-237, jul./dez. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre cultura, literatura e História**. Dourados: Ed. UEMS/UFGD, 2013.
- SPINA, Segismundo. **A cultura literária medieval**. São Paulo: Atelier Editorial, 1997.
- SOUZA, Itamar de. A Mulher na Idade Média. **Revista da FARN**, Natal, v. 3, n. 1/2, p. 159-173, jul. 2003/jun. 2004.
- VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em: julho de 2014.

Aprovado em: dezembro de 2014.